BULLYING E FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS EM ESCOLARES DE UM MUNICÍPIO SEMIÁRIDO PARAIBANO

Francivalda Bandeira de Sousa Brunet[1](autora), Maria Lucia de Oliveira Bezerra[2] (coautora), Anubes Pereira de Castro[3](coautora), Aissa Romina Silva do Nascimento[4] (coautora).

[1]Enfermeira, graduada pela Universidade Federal de Campina Grande/UFCG, Campus Cajazeiras–PB. E-mail: brunevalsousa@hotmail.com. [2]Enfermeira, Professora Doutora em Medicina e Saúde, Universidade Federal de Campina Grande/UFCG, Campus Cajazeiras–PB. E-mail: bezerramlo@hotmail.com. [3]Doutora em Saúde Pública ENSP/FIOCRUZ, docente da Universidade Federal de Campina Grande/UFCG, Campus Cajazeiras–PB. E-mail: anubes@bol.com.br. [4]Doutora em Sociologia UFPB, docente da Universidade Federal de Campina Grande/UFCG, Campus Cajazeiras –PB. E-mail: aissas@bol.com.br

RESUMO

Dentre as diferentes formas de violência escolar, o bullying tem se destacado no contexto atual, em virtude de suas implicações e do elevado número de alunos envolvidos. Este trabalho tem como objetivo caracterizar o bullying em escolares de um município do semiárido paraibano. A metodologia utilizada é o estudo epidemiológico de corte transversal de natureza descritiva, com abordagem quantitativa, desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor João Milanês, com alunos regularmente matriculados do 6ª ao 9º ano do Ensino Fundamental. A amostra do estudo foi formada por 61 escolares, selecionados através da técnica de amostragem estratificada. Os resultados apontam que 19,7% passaram por situação constrangedora num intervalo de uma a duas vezes, durante os últimos 30 dias anteriores a realização a pesquisa. Portanto verificou-se a existência do bullying entre os escolares de faixa etária entre 10 e 15 anos no cenário do estudo. Neste contexto, destaca-se a necessidade de outros estudos que compreendam a perspectiva do aluno com relação a esse fenômeno; orientar a equipe escolar, pais ou responsáveis no sentido de coibir essa prática; e desenvolver estratégias que levem o aluno a externar os sentimentos diante das situações em que se sentem ameaçados.

Palavras-chave: Prevalência, Bullying, Adolescente.

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define adolescência fase do desenvolvimento humano que vai dos 10 aos 19 anos de idade. Cerca de 21% da população brasileira está nessa faixa etária que, por sua vez, tem como marca as diversas modificações hormonais e comportamentais, e quando não vivenciadas com equilíbrio, poderão refletir negativamente na vida adulta (MORENO, 2012; BRASIL, 2006; BRASIL, 2006a; COSTA, 2010)

Muitos esforços têm sido realizados no intuito de promover saúde para este grupo. No entanto, as políticas e programas construídos em torno desse público encontram-se ameaçados pelo contexto da violência dentro das escolas (MORENO, 2012).

No passado, o conceito de violência estava relacionado a um elemento de sobrevivência da espécie. No contexto atual, a violência pode ser entendida como qualquer manifestação capaz de desrespeitar o direito fundamental do ser humano.

Sendo assim, a violência tem representado uma grande ameaça à saúde pública e ao processo educacional, gerando consequências a curto e longo prazo na vida do indivíduo. Trata-se de um fenômeno multicausal que possui forte relação com desigualdades econômicas e socioculturais, e com aspectos subjetivos e comportamentais (SANTOS, 2014).

Dentre as diferentes formas de violência escolar, o bullying é o que tem se destacado no contexto atual, em virtude de suas implicações e do elevado número de alunos envolvidos. Um estudante é vítima de bullying quando sofre ações negativas e constantes de um ou mais estudantes em relações desiguais de força ou poder, durante um longo período de tempo. (FACHIN, 2012).

A prevalência do bullying e dos aspectos ligados a ele tem elevado grau de importância na identificação prévia, controle dos casos e efeitos gerados às vítimas no Brasil. (SERPA, 2013).

No Brasil, as discussões e as publicações sobre essa temática são ampliadas cotidianamente. No entanto, os estudos regionais ainda são escassos.

Pensando nisso, a realização do presente estudo tiveram esses fatores como motivação, haja vista a magnitude do problema que penaliza nossa população em idade escolar, de modo que o seu objetivo de estudo esteve firmado na caracterização do bullying em escolares de um município do semiárido paraibano.

2 METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos do trabalho, foi efetuado um estudo epidemiológico de corte transversal de natureza descritiva, com abordagem quantitativa. O cenário de estudo constituiu a Escola Estadual do Ensino Fundamental Monsenhor João Milanês, fundada em 09 de março de 1933 como primeiro educandário da Rede Pública Estadual de Ensino e a terceira instituição de ensino na cidade. Atualmente, contempla o Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano.

A população do estudo foi constituída por escolares do 6ª ao 9º ano do Ensino Fundamental dessa instituição de ensino, totalizando 242 alunos regularmente matriculados durante o ano de 2016. A amostra do estudo, definida por cálculo amostral, perfez um total de 61 escolares, selecionados através da técnica de amostragem estratificada.

Foram incluídos no estudo escolares na faixa etária de 10 a 15 anos, de ambos os sexos, que concordaram em participar da pesquisa mediante assinatura dos Termos de Assentimento e de Consentimento Livre e Esclarecido pelos alunos e pais/responsáveis, respectivamente.

Para a coleta de dados utilizou-se o questionário Global-Based Student Survey (GSHS) proposto pela OMS (2006) e um formulário.

A pesquisa considerou as observações éticas preconizadas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que permite pesquisa em seres humanos, proporcionando aos investigados segurança das informações, anonimato, sigilo e confidencialidade, liberdade de aceitação e desistência da participação em qualquer momento da pesquisa (BRASIL, 2012).

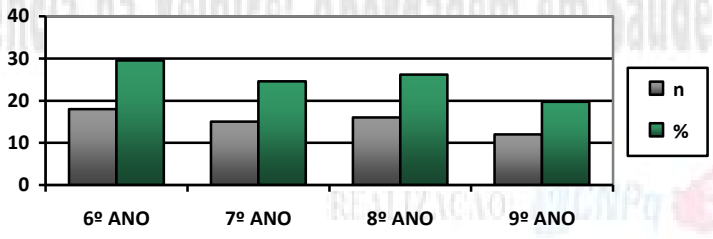
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados e discussão foram caracterizados quanto à distribuição dos alunos por ano escolar, perfil sociodemográficos e informações sobre violência e lesões sofridas, em destaque à ocorrência do bullying.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO ESTUDADO

A amostra do estudo, composta por 61 alunos, constituiu-se de alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. A maior distribuição está entre os alunos do 6º ano (29,51%), seguido do 8º ano (26,23%), 7º ano (24,60%) e 9º ano (19,67%).

Gráfico 1. Distribuição dos escolares por ano escolar



.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, em 2014, o número médio de anos de estudo para o Brasil era 7,7, correspondendo a menor média de estudos da América do Sul. Nesse contexto, a Região Sudeste apresentava a maior média: 8,4 anos, enquanto as Regiões Nordeste e Norte, registraram por sua vez a menor, 6,6 e 7,2 anos de estudo, respectivamente (IBGE, 2015).

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) divulgou no censo escolar de 2011, que cerca de 2 milhões de jovens com idade entre 15 e 17 anos, ficaram fora das escolas. Neste mesmo ano, os reprovados envolveram 9,6% dos alunos que frequentaram as escolas, na modalidade ensino fundamental (SANTOS, 2014).

De acordo com os indicadores do Censo Escolar da Educação Básica da 9ª Regional de Educação do Estado da Paraíba, o município de Cajazeiras – PB conta com 15 escolas integradas à rede estadual de ensino, das quais 14 ofertavam o Ensino Fundamental- EF, e apenas 4 escolas o Ensino Médio em 2014. Os matriculados no EF totalizavam em 2.582, destes, 337 (13%) finalizaram o ano letivo como sendo reprovados e 159 (6,1%) como evadidos (MEC/INEP/DEED/Subgerência de Estatística/SEE PB, 2016).

No período de 2015, dentre as 15 do estado, 13 ofertavam a modalidade EF, com 2.628 matriculados, dos quais, 273 (10,4%) concluíram o ano letivo na condição de reprovados e 222 (8,4%) como evadidos (IBID, 2016).

Comparando os números locais com a pesquisa do INEP supramencionada, o número de reprovados nas escolas da rede estadual de ensino do município de Cajazeiras, 13% em 2014 e 10,4% em 2015, caracteriza como sendo superior a média do INEP (9,6%).

Desse modo, é possível afirmar que os índices de evasão e reprovação escolar ainda são assustadores. Muitos desses alunos, quando retornam à escola, ficam em condição incômoda de defasagem de idade e série, suscitando outros problemas, conflitos, reprovações ou novos episódios de escape.

Quanto ao perfil sociodemográfico da amostra destacam-se as seguintes características: faixa etária predominante dos 11, 14 e 15 anos de idade, representada por 21,3% cada uma delas; 70,5% dos estudantes correspondiam ao sexo feminino; 47,5% eram brancos, 70,5% de religião católica; 78,7% tinham como naturalidade a cidade de Cajazeiras/PB; 78,3% residiam na zona urbana; e 62,3% moravam em domicílio constituído por 4 a 6 pessoas.

Considerando os aspectos econômicos, 95% dos escolares não exerciam nenhum tipo de trabalho ou profissão que gerasse renda; 55,7% estavam enquadrados na faixa de renda familiar entre um e quatro salários mínimos.

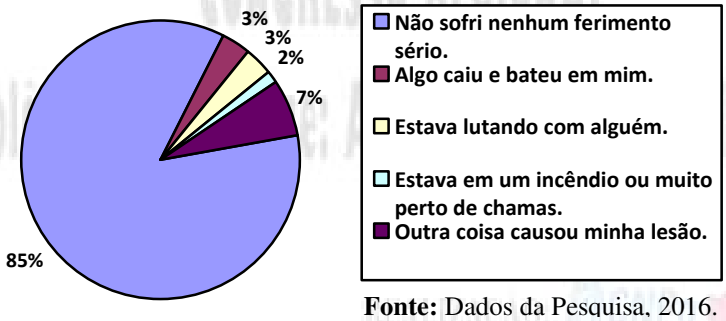
3.2 PREVALÊNCIA DE VIOLÊNCIA E LESÕES NO GRUPO ESTUDADO

O fenômeno da violência nas escolas só pode ser compreendido quando se tem uma percepção holística dos fatores externos e internos à instituição de ensino. Os aspectos externos correspondem às questões de gênero, relações raciais, aos meios de comunicação e o espaço social no qual a escola está inserida, enquanto os fatores internos incluem a idade, série ou nível de escolaridade dos estudantes, regras, disciplina dos projetos pedagógicos desenvolvidos na escola, bem como o impacto das punições, comportamento dos alunos com os professores e vice-versa, e a prática educacional em geral. (ABRAMOVAY, 2003).

Quanto à violência e lesões sofridas pelos escolares nos últimos 12 meses, 95% dos estudantes não foram assaltados nesse período e 5% foram assaltados apenas uma vez. 78,7% não se envolveram em luta física, 13,1% uma única vez e 8,2% de 2 a 3 vezes. 85,2% não tiveram nenhuma lesão grave, 9,9% uma vez, 3,3% de 4 a 5 vezes, e 1,6% de 2 a 3 vezes.

Uma lesão é grave quando impede a pessoa de praticar atividades normais. Considerando esse conceito, 6,6% "tiveram uma pancada ou outros ferimentos na cabeça ou no pescoço", 5% "teve um osso quebrado ou deslocado", 1,6% "teve um corte ou facada" e igualmente 1,6% "teve uma ferida de bala ou sofreu uma queimadura grave". Dentre os indivíduos que sofreram lesão grave nos últimos 12 meses, 1,6% tiveram como causa incêndio ou a proximidade de chamas ou algo quente, 3,3% se envolveram em luta corporal com alguém, 3,3% tiveram algo que caiu sobre eles, e 6,6% tiveram outra causa não especificada.

Gráfico 2. Principal causa de uma lesão grave nos últimos 12 meses.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Diante desses índices, é possível elucidar que existem escolares vítimas de algum tipo de violência ou lesão, tanto no Brasil como no município de Cajazeiras – PB. Vale destacar que entre as maiores vítimas da violência estão às crianças e os adolescentes, o que chama atenção em virtude das implicações para o crescimento e desenvolvimento desses sujeitos, além da possibilidade de construção de uma cadeia reprodutiva da violência para gerações futuras, mediante o contato e aprendizagem de atitudes violentas pelas crianças (OLIVEIRA FILHO, 2009).

Desde 1994 a Organização Pan-Americana de Saúde afirma a violência como um importante problema de saúde pública, devido o seu alto número de vítimas e de sequelas orgânicas e emocionais que são produzidas (OPAS, 2004).

A maior preocupação neste aspecto é o déficit de notificação de casos de violência contra a criança e o adolescente, que ainda não constitui uma realidade. Falta notificação por parte da sociedade, profissionais e serviços, e os poucos serviços e iniciativas existentes, para identificar e atender casos de violência infanto-juvenil não dispõe de redes de informação interligada que possibilite mapear o comportamento da violência nesse público.

3.3 A IDENTIFICAÇÃO DO BULLYING NA E. E. E. F. MONSENHOR JOÃO MILANÊS

Considerada um espaço de desenvolvimento de técnicas pedagógicas, de aprendizagem, de interação social, de consolidação de habilidades para a vida em sociedade, a escola também constitui um local de dificuldades de interação e de manifestação de comportamentos agressivos que, por sua vez, podem apresentar riscos para as crianças, pais e professores (BORSA, 2015).

As consequências do bullying geradas ao agressor descrevem problemas de desempenho, dificuldades de relacionamento social e transtornos de conduta, enquanto para as vítimas, além dos problemas de desempenho escolar, têm as queixas psicossomáticas, baixa autoestima e a maior vulnerabilidade emocional se apresentam como um tipo de comportamento agressivo (OLWEUS, 1994; RIVERS, 2009; KOCHENDERFER-LADD, 2010).

No presente estudo, 63,9% dos escolares não sofreram nenhum tipo de intimidação nos últimos 30 dias. No entanto, 19,7% passaram por essa situação constrangedora num intervalo de uma a duas vezes no período de tempo determinado, 9,9% de três a cinco vezes,

3,3% de dez a dezenove vezes, 1,6% de seis a nove vezes e a mesma porcentagem, cerca de 30 vezes.

Tabela 1. Caracterização de bullying entre alunos da E.E.E.F. Monsenhor João Milanês.

Variáveis	**n**	**%**
Nos últimos 30 dias, quantas vezes você foi intimidado?		
0 vezes	39	63,9
1 ou 2 vezes	12	19,7
3 a 5 vezes	6	9,9
6 a 9 vezes	1	1,6
10 a 19 vezes	2	3,3
30 vezes	1	1,6
Durante os últimos 30 dias, como você foi intimidado com mais frequência?		
Não fui intimidado durante os últimos 30 dias	39	57,3
Fui espancado, chutado, empurrado ou preso	2	2,9
Zombaram de mim por causa da minha raça ou de cor	6	8,8
Foi feito sarro de mim por causa da minha religião	1	1,5
Zombaram de mim, com piadas, comentários ou gestos de natureza sexual	8	11,8
Fui deixado de fora das atividades de propósito ou me ignoraram	1	1,5
Foi feito sarro de mim por causa do meu corpo	6	8,8
Fui intimidado de outra maneira	5	7,4

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Sobre a forma como aconteceu o bullying nos últimos 30 dias com os escolares, 11,8% colocaram que foram zombados com piadas, comentários ou gestos de maneira sexual; 8,8% foram zombados por causa da raça ou cor; 8,8% disseram que foi "tirado sarro" deles por causa do corpo; 7,4% foram intimidados de outra forma não exposta na questão; 2,9% foram espancados, chutado, empurrado ou preso; 1,5% foram zombados por causa religião; e a mesma porcentagem (1,5%) fala da exclusão de atividades, de forma proposital, ou se sentiu ignorado.

Mediante os dados apresentados, a redução significativa da prevalência de bullying nas escolas é uma medida de saúde pública altamente efetiva para o século XXI. Neste contexto, o profissional de enfermagem tem um papel fundamental frente às ações para redução de casos de bullying entre os escolares, através de educação em saúde na escola por meio de rodas de conversa e orientação àqueles que lidam diariamente com os alunos. É imprescindível, ainda, despertar o grupo vitimado a manifestar os episódios ameaçadores pelos quais está passando e os sentimentos envolvidos em torno disso, visando que a vitima assuma uma conduta de autonomia no enfrentamento da ameaça e a intimidação.

4 CONCLUSÃO

Neste trabalho, verificamos achados importantes em que 5% dos escolares referiram exercer atividades de trabalho remuneradas, 44% destes vivem com uma renda familiar inferior a um salário mínimo. Quanto ao bullying entre os escolares de faixa etária entre 10 e 15 anos de idade da Escola Estadual de Ensino Fundamental Monsenhor João Milanês, verificou-se um percentual que variou de 1% a 36%. Estes números se assemelham aos números apresentados em estudos desenvolvidos em diversos lugares do Brasil e do mundo, afirmando o bullying como um tipo de violência escolar cada vez mais frequente.

Em suma, pode-se dizer que a repetição, a intenção de causar prejuízo e a desigualdade de poder são três elementos básicos que caracterizam o bullying. Esse fenômeno constitui hoje, um problema real dos mais variados campos da convivência humana, transcendendo muitas vezes, às esferas geográficas e institucionais. Por vezes, trata-se de um evento que tem emergido do "extramuros escolar", como resultante de contextos sociais, econômicos, políticos e culturais diversificados, e acaba sendo caracterizado pelo seu aspecto violento e contínuo, manifestados através de agressões verbais, físicas, ou de práticas de exclusão e isolamento do outro.

A grande preocupação com o bullying versa sobre as marcas profundas que podem ser deixadas nas crianças e adolescentes e, muitas vezes, migram para a vida adulta, necessitando de apoio psicológico e/ou psiquiátrico para serem superadas.

Nesse contexto, destaca-se a necessidade de se reavaliar as ferramentas legais que já existem para coibir as práticas de bullying e transformá-las em práticas aplicáveis e resolutivas, capazes de reduzir de modo efetivo a prevalência e incidência de bullying na população escolar.

Para tanto, se fazem necessário estudos mais aprofundados acerca do bullying, das suas causas, implicações na vida do agressor e da vítima e formas de evitá-la. É imprescindível determinar os padrões de comprometimento do bem-estar do aluno com relação a sua sujeição às diversas situações de bullying. Ou seja, até que ponto a vítima do bullying tem suas funções psicológicas e sua vida comprometidas.

Profissionais de Enfermagem podem contribuir largamente em ações de capacitação junto àqueles que lidam diariamente com esse aluno, no intuito de orientá-los sobre a conduta a ser adotada frente aos casos de bullying,

É necessário ainda, orientar os pais sobre a forma como o contexto familiar influencia nas relações sociais dos seus filhos, através de rodas de conversa, de troca de experiência. Ademais, é preciso desenvolver estratégias que façam com que o aluno possa externar as situações em que se sentem ameaçados e os sentimentos envolvidos em torno disso, e nesse processo, desenvolver neles uma conduta de autonomia para lidar com a ameaça e a intimidação.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Violência escolar – o bê-á-bá da intolerância e da discriminação**. 2003. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_02.pdf>. Acesso em: 08 de setembro de 2016.

BORSA, J. C.; PETRUCCI, G. W.; KOLLER, S. H. A participação dos pais nas pesquisas sobre o bullying escolar. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 1, jan./abr., p. 41-48, 2015.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n° 466, 2012. Diretrizes e Normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Diário oficial da União, Poder executivo, Brasília, DF, 2012.

_____. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, Senado Federal, Gabinete do Senador Efraim Morais, 2006.

_____. Ministério da Saúde. **Marco teórico e referencial**: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens. Brasília: Ministério da Saúde, 2006a.

COSTA, R. F.; et. al. Cuidado de enfermagem ao adolescente: uma análise da produção científica de 2001 a 2007. **Ciênc. Cuid. saúde**., v. 9, n. 3, p. 585-592, jul./set., 2010.

FACHIN, C. G.; MIZIARA, C. S. M. G. Perfil epidemiológico de crianças envolvidas em bullying. **Saúde, Ética & Justiça**, v. 17, n. 1, p. 30-37, 2012.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**: síntese de indicadores 2013. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

KOCHENDERFER-LADD, B.; TROOP-GORDON, W. Introduction to special issue contexts, causes, and consequences: **New direction in peer victimization research. Merrill-Palmer Quarterly**, v. 56, n. 3, p. 221-230, 2010.

MEC/INEP/DEED/Subgerência de Estatística/SEE PB. **Matrículas por Etapas/Modalidade por Gerências Regionais de Educação, Município e Entidades Escolares - Comparativo 2014-2015**. 2016.

MORENO, E. A. C., et. al. Perfil epidemiológico de adolescentes vítimas de bullying em escolas públicas e privadas. **Rev. enferm. UERJ**, v. 20, n. 2, p.808-813, dez., 2012.

OLIVEIRA FILHO, P. G. O.; et. al. Violência infanto-juvenil e seus aspectos éticos: novos desafios na contemporaneidade. **Revista Bioethicos**, v. 3, n. 2, p.256-264, 2009.

OLWEUS, D. Annotation: Bullying at school: Basic facts and effects of a school-based intervention program. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 35, n. 7, p. 1171-1190, 1994.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Violência y salud**: resolución no XIX. Washington, 1994.

RIVERS, I.; et. al. Observing bullying at school: The mental health implications of witness status. **School Psychology Quarterly**, v. 24, n. 4, p. 211-223, 2009.

SANTOS, J. A.; et. al. Prevalência e tipos de bullying em escolares brasileiros de 13 a 17 anos. **Rev. salud pública.**, v. 16, n. 2, p. 173-183, 2014.

SERPA, A. L. de O.; PONTES, L. A. F. Bullying escolar e sua percepção pelos alunos: um estudo do SARESP. **Est. Aval. Educ.,** v. 24, n 54, p. 118-141, jan./abr., 2013.